

A pedagogia do caracol

Por uma escola lenta e não violenta

Gianfranco Zavalloni

Coordenação da obra brasileira:
Margareth Brandini Park
Renata Holmuth Motta



ADONIS

Americana/SP
2020

**CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ**

Z45p

Zavalloni, Gianfranco

A pedagogia do caracol / Gianfranco Zavalloni ; coordenação Margareth Brandini Park , Renata Holmuth Motta ; ilustração Gianfranco Zavalloni ; tradução Renata Holmuth Motta. - 1. ed. - Americana, SP : Adonis, 2020.

176 p. ; 17 x 24 cm.

Tradução de: *La pedagogia della lumaca*

ISBN 978-85-7913-057-1

1. Educação - Estudo e ensino. 2. Prática de ensino. I. Título.

15-24395

CDD: 370.1

CDU: 37.01

ADONIS

Todos os direitos reservados à Editora Adonis©
Rua José Bonifácio, 174, Chácara Machadinho – Americana/SP.
Tel: (19) 3471.5608 www.editoraadonis.com.br

Copyright © 2010 Gianfranco Zavalloni

Publicado mediante acordo com
Editrice Missionaria Italiana.
Todos os direitos reservados.

Título original

La pedagogia della lumaca

Coordenação da obra brasileira:

Margareth Brandini Park
Renata Holmuth Motta

Traduzido por:

Dalva Fontebasso Rosa
Dalva Nascimento Aguiar
Delma Alves Ribeiro
Edna Cristina Bêgo
Fernanda Anselmo
Joelma Bardi
Lígia Claret Lorencini Wild
Lucinéia Aparecida Mendes
Márcia Perpétua Beduli Guimarães
Margareth Brandini Park
Maria Teresa de Godoi Silva Sevillano
Neila Aparecida Zambotto Bizarro
Priscilla Martins Salaverry
Renata Holmuth Motta
Roberta Holmuth Motta
Rogério A. Correia Dias
Rosângela Aparecida Souza Machado Bruno
Valdete Zorate Santos
Valdirene Aparecida Foratto Pinto

Revisão da tradução

Renata Holmuth Motta

Revisão final

Maria Regina Sargiolato
Margareth Brandini Park
Renata Holmuth Motta

Ilustração da capa

Gianfranco Zavalloni

Adaptação do projeto gráfico

Marcela Comelato

Querido professor, querida professora,

Este é um livro para fazer parte de sua vida pessoal e profissional. Deve ser lido por olhos sensíveis, grifado por mãos que tocam as páginas com carinho, atravessado pelos corpos abertos em relação ao momento atual.

Apesar de ter sido escrita em 2011, a obra se encaixa nos dias atuais. Faz-se urgente pensar em uma educação que considere os rastros dos caracóis como processos de trânsito. Verdadeiros percursos entre ir e vir. A importância do trajeto e do vivido: deslocamentos.

Como Rubem Alves, tão lindamente, nos provoca em um de seus textos (um de nossos preferidos!): “Caracol tem pedagogia a ensinar?”.

Sim! Gianfranco Zavalloni nos prova que sim! *A pedagogia do caracol: por uma escola lenta e não violenta* nos convida a olhar a dimensão do tempo, das relações e do cotidiano de um outro lugar.

Vagarosamente, escolha um bom espaço para lê-lo, separe a sua caneta marca-texto, um bloquinho de marcadores autoadesivos e comece a sua leitura.

Vagarosamente...

Um abraço carinhoso.

Fabi Vitiello e Telma Holanda
www.dialogosviagenspedagogicas.com.br
@viagenspedagogicas

*Criativa é aquela pessoa
que sabe olhar de maneira sempre nova
e original o mundo em que vive.*

*É um convite à lentidão. Vamos com pressa demais.
É preciso ter a possibilidade de parar, olhar as coisas belas,
meditar, pensar em nós, olhar os anoiteceres.
Mas pergunte a alguém que anda pela rua:
“Quando foi a última vez que você parou
para admirar um anoitecer?”
É uma pergunta muito importante!*

(Tonino Guerra)



Collana «MONDIALITÀ»

Este volume faz parte da Collana “Mondialità” (Coletânea Mundialidade), publicada pela EMI, da cooperativa Serviço Missionário (SERMIS), em colaboração com o CEM (Centro de Educação à Mundialidade) da Cooperativa Centro Saveriano de animação Missionária (CSAM).

A Coletânea é confiada a uma Comissão coordenada por ANTONIO NANNI, e composta por ARNALDO DE VIDDI, MARIANTONIETA DA CAPITA, RAFFAELE MANTEGAZZA, BRUNETTO SALVARANI e RITA VITTORI.

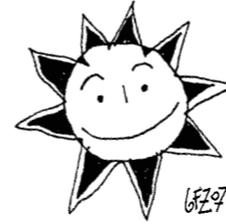
- Camminando sul filo. La scuola per la pace (Nevè Shalom - Waahat as Salaam)
- Educare alla convivialità. Un progetto formativo per l'uomo planetario (A. Nanni)
- La via obbligata dell'interculturalità (A. Perotti)
- La terra di Punt. Miti, leggende e racconti dell'Eritrea (H. Weldemariam)
- Per una pedagogia narrativa (R. Mantegazza a cura)
- Musicalgiocando (G. Biassoni - P. Zocchio)
- Le religioni e la mondialità (F. Ballabio)
- Ecopedagogia e cittadinanza planetaria (F. Gutierrez - R. Cruz Prado)
- L'altro Milione (A. Fucecchi - A. Nanni)
- Una nuova Paideia (A. Nanni)
- Educare alla differenza (G. Dal Fiume)
- Religioni in Italia (F. Ballabio - B. Salvarani a cura)
- A scuola con la Bibbia (B. Salvarani)
- I media e l'islam. L'informazione e la sfida del pluralismo religioso (I. Siggillino a cura)
- Educare alla responsabilità nella globalizzazione (M. Orsi)
- La pedagogia della speranza (C. Economi)
- Ciascun paese à mondo (F. Dovigo)
- Donne e religioni. Il valore delle differenze (AA. VV.)
- È l'ora delle religioni (AA. VV.)
- La scuola che ho sempre sognato (R. Alves)
- Identità plurali (A. Fucecchi - A. Nanni a cura)
- I bambini vedono Dio (D. Castellari)
- Comunità rom (S. Caset - A. Surian)
- Profeti di mondialità (A. Nanni)
- Pedagogia interculturale e solidarietà globale (G. Barbera a cura)
- La pedagogia della lumaca (G. Zavalloni)
- Il post-umano à qui (A. Tosolini)

SUMÁRIO

Prefácio (Christoph Baker).....	11
Apresentação da Edição Italiana (Eugenio Scardaccione).....	13
Apresentação da Edição Brasileira (Margareth Brandini Park).....	17
Introdução (Gianfranco Zavalloni).....	27
1. Aprender com as experiências e guardá-las como um tesouro.....	29
2. A coragem de dizer basta.....	33
3. Obrigados à lentidão.....	39
4. Bom ou mau tempo?.....	43
5. Perder tempo é ganhar tempo.....	45
6. A escola que eu gostaria.....	47
7. Pequenas escolhas para mudar a escola.....	51
8. O celular, a internet e a televisão.....	55
9. O passeio de bicicleta.....	59

10. A pé, caminhando lentamente.....	61
11. Do copiar e colar à simplificação.....	63
12. Desenho criativo ou fotocopia repetitiva.....	67
13. Aprender através das mãos.....	71
14. A nota e a ânsia pelos resultados.....	77
15. Ao invés de “bocciare” (reprovar) prefiro “sbocciare” (desabrochar).....	79
16. Carteiras e cadeiras para se sentir bem na escola.....	81
17. O recreio e o pátio da escola.....	85
18. A Lei 626, a segurança e a coragem de ousar.....	89
19. Os deveres de casa e para as férias.....	93
20. Classes multisseriadas e pequenas escolas.....	97
21. A questão cadernos: de 19 a 2.....	101
22. A certificação de qualidade.....	105
23. Do projetar entre professores.....	109
24. Abrir estradas juntos.....	113
25. Documentação: um instrumento de qualidade.....	117
26. Caligrafia: a arte da bela escrita.....	121
27. Hortas didáticas para desacelerar com a natureza.....	127
28. O local na era da globalização.....	131
29. Promover a luta... para educar à não violência.....	133
30. As iscas educativas.....	137

31. A arte de encenar.....	141
32. As pastinhas das conferências.....	143
33. Rir na escola faz bem.....	145
34. O amplexo escolar.....	149
35. As crianças, os cemitérios e o bosque santo.....	153
Posfácio: Uma rede internacional para uma escola lenta.....	157
Apêndices	
1. Decálogo para uma boa escola.....	162
2. O Manifesto dos Direitos Naturais das Crianças.....	165
Referências bibliográficas.....	169
Sitografia.....	173



PREFÁCIO

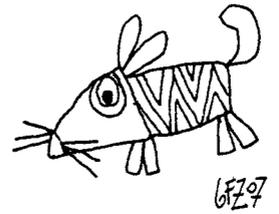
Christoph Baker

Quando se fala de lentidão, é preciso falar também de leveza, de fragilidade. Esses conceitos subversivos, para nossa sociedade triunfante no seu materialismo pesado e devastador, são a medida de uma real mudança antropológica da qual a humanidade precisa com urgência.

Desacelerar, hoje, tornou-se um imperativo de sobrevivência. Com efeito, a aceleração exponencial dessa versão da modernidade, baseada na tecnologia e no consumo insustentável de recursos finitos, está nos levando direto a um ponto catastrófico e sem retorno (pelo menos para os seres humanos: para tantas outras espécies vivas, o sino já soou há muito tempo). Claro, é preciso certa coragem, desligar-se da própria participação na corrida louca da sociedade capitalista. É preciso coragem para deixar de ser “*homo econominus*”, procurando recuperar ou descobrir outras dimensões desta nossa pobre vida humana.

Inúmeras metáforas vêm em mente, quando se para um só instante para observar o comportamento de um mundo completamente à deriva (não me falem de “milagre chinês ou indiano”!). Uma é aquela do trem de alta velocidade que tem, porém, dois defeitos: não tem condutor e não tem freios. Aquela da orquestra que continua a tocar e as pessoas a dançar, enquanto o Titanic afunda definitivamente. E uma terceira é o conto do “Rei nu”. De qualquer forma, urge um despertar do torpor no qual a civilização ocidental induziu o homem até alcançar o ponto de chegada eufórico da globalização, do mito do crescimento econômico ilimitado.

Mas, se ninguém se rebela, se ninguém grita os próprios desacordos, como podem os nossos filhos e netos perceber o presente envenenado que lhes demos, fazendo-os nascer em um mundo violento, arrogante, egoísta e voraz? Por que nunca uma menina ou um menino deveria escolher por sua espontânea vontade uma vida mais respeitosa, mais justa, mais doce, se tudo ao redor é só competição, lei do mais forte e do mais vulgar? Claro, há quem confie em milagres, mas a evidência vai em uma outra direção. A evidência apresenta uma humanidade prisioneira de um único objetivo na vida: “ganhar e consumir”. Todo o resto foi sacrificado sobre o altar do novilho de ouro.



Então, dar o exemplo. Ou ao menos tentar indicar outra estrada. Uma estrada lenta, tranquila, misteriosa, confortante aos outros. Falar de tempos necessariamente livres do mito do progresso linear, da piada que hoje deve estar melhor que ontem e que amanhã deverá ser ainda mais radiante. Experimentar, ao vivo, o voltar atrás que é um natural e salutar reflexo quando se percebe ter entrado em uma estrada que mais errada impossível. Inverter rota sempre foi uma pedra fundamental da secular sabedoria marítima (mas quem se lembra dos capitães de longo curso?). Dar as demissões a uma visão violenta e reduzida da vida. Declarar a própria objeção da consciência ao massacre permanente que se chama desenvolvimento econômico.

Não há receitas prontas, por sorte! *O caminho se faz caminhando*, como disse Antonio Machado. E, como indicado acima, os companheiros de viagem serão a lentidão, a leveza e a fragilidade. O homem é mais patético que nunca quando pretende programar tudo, controlar tudo, dominar tudo. Para gozar plenamente a vida, serve um grande banho de humildade. Nós, seres humanos, não somos mais importantes que uma borboleta, que uma espiga de milho, que uma pedra polida pela correnteza ou de um pôr-do-sol suntuoso na Ilha de Giglio.

Libertar-se da arrogância da espécie será uma festa! Aprender a colocar o pé com a máxima atenção para não desordenar mais que o devido a vida invisível que gira ao redor. Cuidar de cada gesto com o máximo da doçura, para não trazer feridas inúteis a quem está perto. Trazer a nossa vulnerabilidade à flor da pele, à flor do coração, na palma da mão. Aquela mão que se estende ao desconhecido. Aquelas mãos que querem acariciar e não mais bater, que queremos abraçar e não mais expulsar.

Não é muito tempo de teorias universais e escravizantes. É chegada a hora do grande desarmamento cultural e filosófico. Deixemos para trás a corrida aflita e infeliz por um bem-estar material e abracemos o chamado pela vida que nos circunda e que nos oferece, gratuitamente, a sua infinita riqueza. Aprendamos a escutá-la, a respeitá-la, a acompanhá-la, a nos envolver por ela.

Cada tentativa de indicar tal estrada é nobre. Como é nobre o caracol que nos ensina, graças às belas páginas deste livro, que lento é belo!

Os nossos filhos, também nós, pais, te agradecemos, Gianfranco Zavalloni!

Tradução: Dalva Fontebasso Rosa

A propósito da lentidão e...

Cada vez que me encontro com Gianfranco, sou tomado de uma espécie de prazer particular, positivamente condicionado por uma amizade verdadeira, encorajante. Há anos estamos nos confrontando também com Edoardo, aluno da escola de Barbiana de don Lorenzo Milani, sobre o que significa desacelerar os ritmos frenéticos que influenciam os estilos de vida. E, a propósito da escola e da sobriedade, nos aventuramos em duas cartas abertas que têm estimulado um confronto fecundo.

Nestas belas, coloridas e frescas páginas do livro, percebe-se um palpitante testemunho de humanidade, de densidade pedagógica e cultural, que evidenciam uma vitalidade contagiosa e me ajudam a alcançar algumas reflexões sobre a importância do caracol e sua proverbial lentidão, acompanhada de ternura e simpatia.

Por tudo isso, sou grato ao prior e mestre don Lorenzo. Quando estive em Barbiana, junto a Giovanni Catti, conheci Gianfranco, jovem e ágil escoteiro, titereiro, caprichoso e criativo docente de escola infantil. Desde aquele verão de 1983, não nos perdemos mais de vista. Ao contrário! Temos vivido tantas, intensas, agradáveis e densas experiências que nos permitem insistir tenazmente em desfazer os preconceitos, de colocar em discussão hábitos consolidados, que colocam, em soberania, o fazer precipitado e veloz.

Com frequência os dias são marcados de maneira a serem capazes de arruinar a existência, também nas ações simples e naturais, porque a velocidade e a pressa nos impedem de saborear a beleza de nossa única vida, que não se repete.

Melhor fazer um ajuste e não só com bons propósitos, para difundir ideias e práticas capazes de elogiar e valorizar a lentidão, o ócio, a poesia, a música, a arte, sempre na boa companhia da criatividade, do sorriso e do bom humor. Junto também a um punhado saudável de conhecimento no lançar sementes de profissionalismo e percursos formativos misturados à sábia manualidade, cérebro e muito coração.

Por essas fundadas motivações, o Autor deseja que nos percamos no labirinto do terminar os afazeres apressadamente, contando os minutos e as horas, obcecados em casa, na escola, à mesa, na rua, em família, entre amigos.

Para que serve esta louca corrida?

Batemo-nos, obstinadamente, para perseguir ritmos desumanos, justificando tudo. Para o cansado refrão “não se pode nunca perder tempo”, tornamo-nos vítimas sacrificadas pela tirania mental que nos leva a considerar cada minuto perdido quase um crime, que leva à sensação de culpa e lamentos recorrentes.

Por sorte, graças também a este livro original, não somente para a escola italiana, são oferecidas uma série de pratos gostosos e sugestões úteis e praticáveis para vivermos melhor, para reconciliarmo-nos conosco e com os outros, valorizarmos as sextas, vivermos o ócio criativo, realizarmos as pausas necessárias. É bom resguardar-se das armadilhas provenientes da eficácia ativista e dispersiva.

Há alguns anos, desenvolveram-se uma vasta literatura e correntes de pensamentos a favor da lentidão e de tudo aquilo que o “slow” (o lento) comporta. Mas é chegada a hora de se libertar das prisões mentais de quem prega o bem e faz o mal.

Cada um de nós tem o sacrossanto direito de rebelar-se, onde se vive e com quem se vive. Uma espécie de plácida e tranquila revolução de comportamentos, que após ter lido estas páginas, possam transformar-se em pão cotidiano, para experimentar o gosto do encontro, a beleza da aurora e do pôr-do-sol, redescobrir a suavidade do calor da lua, observar com encantamento os gestos, os olhos, os desenhos, os jogos das crianças, gozar as nuances do céu, admirar o voo das pipas, dos pássaros, as ondas do mar e as carícias do vento.

Sem deixar de lado o sabor das comidas, os saberes derivados pelo fazer e ser escola. A avaliação das exigências dos rapazes, que esperam ser acolhidos, compreendidos, escutados, então o “perder tempo” para conhecê-los e acolhê-los plenamente é sempre tempo ganho, capaz de transformar, graças a metodologias didáticas atraentes, à aprendizagem de uma útil e duradoura experiência de vida. O sorriso, a respiração, a meditação, o abraço, as relações, um passeio a pé ou de bicicleta, o prazer de tomar o “poder” de parar o ponteiro do relógio, tudo isso é nossa vantagem. Faz bem. Experimente para crer!

E por que não se dedicar o tempo justo para si e para os outros sem se fazer perseguir pela ferocidade de um tempo decidido pelos outros e pelas circunstâncias que nos devoram e não nos deixam provar o verdadeiro senso da liberdade?

Damos conta do mal que nos fazemos quando são forçados os ritmos e os ciclos naturais da criação. Percebemos, em tempo, que nossos sonhos, de olhos fechados e abertos, podem ser aceitos e também realizados, quando não somos escravos dos ritmos impostos pelo exterior.

As relações autênticas, profundas, que assinalam positivamente e dão senso e significado a nossa existência, quer seja na escola ou na vida, são capazes de libertar humanidade, profissionalismo, empenho, bem-estar, se não obcecados pela impaciência e pela pressa neurótica.

Não é verdade que as experiências mais belas e felizes são vividas nos sinais das sensações prazerosas que não são influenciadas pela ânsia do tempo que passa? O arco-íris não nos dá de presente momentos maravilhosos sem olhar o relógio?

Uma sugestão apaixonada: cada um faz uma lista daquilo que lhe aconteceu de positivo quando provou os percursos lentos, constantes, tenazes da tartaruga e da lesma que, digamos, simplesmente, deixam um caminho discreto, débil, mas sensato. E depois?

Inscrevamo-nos no PEL! Não pensem em fórmula econômica, mas no Partido dos Encontros Lentos.

Tradução: Lígia Claret Lorencini Wild



APRESENTAÇÃO (EDIÇÃO BRASILEIRA)

Margareth Brandini Park

Quando trabalhamos com formação, facilmente nos transformamos em garimpadores de ideias, em viajantes que divagam diante de paisagens inusitadas, capazes de riscos, ousadas, de tentativas de reescritas diante de um palimpsesto sempre revisitado.

Foi em uma dessas viagens que a “lumaca” apareceu e nos instigou, a mim e a minha parceira de “jornada formativa”, Renata Sieiro Fernandes. Sem que soubéssemos, até pouco tempo atrás, a “lumaca” vinha caminhando ao seu tempo e ao seu modo utilizando-se da velocidade da Internet e, quando nos encontrou, estávamos atentas para não deixar de percebê-la, com nossos olhos de viajantes a farejar, no ar, o colorido do seu traço e a força de seu rastro.

A ideia de uma “lentezza” era muito atraente, em um rumo contrário aos ditames da rapidez do progresso que nos coloca como cidadãos virtuais, aqueles que não estão inteiros em lugar algum, cidadãos suspensos em ondas globais.

E não era que o caracol conversava/dialogava com as crianças? Seu autor, Gianfranco, acreditava, como Francesco Tonucci, nosso velho conhecido, que as crianças podem e devem dizer basta? Que elas podem ser “indicativos ambientais?” Que o ciclo da vida e a terra podem nos ensinar a compreender nossa humanidade? Que a educação dos sentidos passa por vivenciar o entorno tendo todo o tempo necessário para construir uma observação de qualidade, que nos ensina os vários tons de um aparente mesmo tom?

Quanto mais nos aproximávamos dos textos e do autor mais nos identificávamos com seus princípios, ideias, ousadas, transgressões, com as quais nos irmanávamos. Daí, para conseguirmos o livro vindo da Itália, foi um passo rápido!

Com o livro em mãos, o desafio de lê-lo e de dialogar com suas ideias, muitas vezes ajustando-as ao nosso cotidiano, foi lançado. As educadoras que trabalhavam conosco na rede Municipal de Jarinu-SP, a qual assessorei por dez anos, concordaram com a proposta de formação centrada nesse livro. Primeiramente, traduziríamos capítulos e implementaríamos suas ideias e discussões. Algumas pessoas da comunidade se interessaram e também passaram a traduzir os capítulos.

Com algumas traduções nas mãos, pensamos que poderíamos entrar em contato com o autor e perguntar se ele gostaria de conhecer nossa proposta e de publicar seu livro no Brasil, traduzido por um grupo de professoras da rede pública. Ele veio, ministrou oficinas e disse estar honrado em ter sua obra traduzida por nós!

De uma viagem, de um trabalho, que chamamos “de chão de fábrica”, nasce uma proposta transgressora: traduzir um autor de língua estrangeira durante o cotidiano de uma rede pública. Aprenderíamos, assim, uma língua, concepções, e as colocaríamos em prática com nossas crianças e também com a comunidade.

Embora tenhamos tradutores da comunidade, ressaltaremos, aqui, as vozes das educadoras como passos de uma viagem, às vezes, sobre estradas fáceis; às vezes, íngremes, nelas, sentimos que, mais que uma novidade pedagógica, os escritos ponderam e incidem sobre a vida, princípios, escolhas... Dizem elas:

“Ter contribuído para a tradução de uma importante obra literária me ajudou a compreender melhor a proposta do autor e compartilhar suas crenças, além do que permitiu que eu pusesse em prática o aprendizado dedicado ao estudo da língua italiana e dizer: Caspita! Valeu a pena!” Joelma.

“Ter participado do projeto de tradução do livro ‘La pedagogia della lumaca’ cujo conteúdo prioriza a criança e seu desenvolvimento através da educação lenta e significativa, é uma maneira de contemplar, com alegria e verdade, o que é educação. Alegrei-me ainda mais ao traduzir o capítulo “Desenho criativo ou fotocópia repetitiva”, pois trata do desenho, técnicas e materiais que incentivam a produção artística e criativa das crianças.” Roberta.

“Embora já tivéssemos lido e estudado alguns capítulos do livro, a tradução do prefácio me fez pensar não só como professora e educadora, mas como ser humano que deseja deixar sua marca de forma positiva nas pessoas, pelos lugares por onde passo. É muito difícil abandonar a louca correria do dia a dia do mundo capitalista, do consumismo exagerado em que vivemos e enfatizar valores como simplicidade, inocência, solidariedade entre tantos que, pela aceleração absurda em que vivemos, não damos a devida importância. Ao final da tradução, pus-me a pensar: Será que estou contribuindo para essa desaceleração?” Dalva.

“A tradução do livro “La pedagogia della lumaca”, com certeza, foi, para mim, uma experiência muito gratificante, pois me proporcionou um estudo mais profundo da língua italiana e uma reflexão sobre a maneira como conduzimos nossas vidas e como podem ser mais produtivas e prazerosas se fizermos uso da pedagogia do caracol, ou seja, pautada na realização de tarefas e atividades de forma lenta, compassada, dando tempo ao tempo. Além disso, este trabalho possibilitará aos profissionais da educação brasileira rever e enriquecer suas práticas pedagógicas, resultando em um trabalho significativo de acordo com a realidade de cada escola.” Maria Teresa.

“Senti-me muito feliz ao traduzir uma obra tão significativa para as nossas vidas! A proposta do livro é remar contra a maré, é ir ao encontro da paz e da nobreza que há nas pequenas coisas. Sentir cada palavra, cada frase e internalizá-las foi um exercício impressionante! Após traduzir o livro, comecei a andar de bicicleta e observar as paisagens, isso fez bem para minha alma!” Priscilla.

“Foi muito bom, pois prestei atenção na forma da escrita italiana. Ao terminar a tradução, estava até com dor de cabeça, pois comecei e não conseguia parar, acabei tudo no mesmo dia. É incrível como nos prendemos às coisas com as quais interagimos e das quais gostamos.” Delma.

“Aprender um idioma novo aos 55 anos de idade? Um desafio? Sim! E uma ânsia pessoal de criar oportunidade para a leitura de autores ainda não traduzidos. O trabalho de tradução é, muitas vezes, ingrato. Como transcrever a emoção de alguém, de outro país, de outra cultura, com outra história de vida, como não cair no “Traduttore traditore” (Tradutor, traidor). Essa ligação entre a emoção vivida e descrita pelo autor do texto original, tentando uma correspondência biunívoca (impossível) em outro idioma, é construir uma ponte entre os significados das palavras e seus símbolos, deixando nos envolver por esses sentimentos. Procurando ter esse cuidado, principalmente quando o tema traduzido nos remetia às nossas práticas diárias na profissão, tentamos fazer uma imersão na emoção do autor e traduzi-lo da forma mais fidedigna. Acreditamos que conseguimos isso.” Valdete.

“Constantemente, inserimos obras significativas em nossa prática, visando a um desenvolvimento cognitivo de qualidade. Agora, ser convidada a fazer parte da obra foi muito interessante e significativo para a minha atuação enquanto professora da língua italiana em formação, visto que a mesma permite uma apropriação maior de entendimento da obra.” Valdirene.

“Ao receber a proposta para a tradução de um capítulo do livro ‘La pedagogia della lumaca’, fiquei muito insegura. Será que poderia aceitar esse desafio estando há tão pouco tempo em contato com a língua italiana? Então percebi o meu engano... Como muitos filhos de Jarinu-SP, sou descendente de italianos. A minha relação com esse idioma é antiga. Eu poderia, sim, realizar esse trabalho e isso só traria crescimento aos meus estudos. No início, tive dificuldades, mas, depois, tudo foi fluindo de tal maneira que a minha confiança foi ficando bastante forte. Fiquei muito surpresa ao concluir a tradução e ver o resultado. Esse foi mais um grande aprendizado.” Edna.

“La pedagogia della lumaca’ surgiu na minha vida como um grande e múltiplo desafio. Como educadora, desafiou-me a compreender e respeitar o tempo das crianças. Como professora de Italiano, desafiou-me a ousar propondo a minhas alunas do curso de iniciantes que desconsiderassem o pouco tempo de estudo e aceitassem algo tão inovador. Como leitora, desafiou-me a descobrir, a cada página, o valor da lentidão. Como apaixonada pela língua italiana, desafiou-me a “perder tempo” lendo, relendo, traduzindo, verificando, comparando, deduzindo, constatando e aprendendo a cada linha o idioma de Dante. E, como ser humano, apresentou-me os maiores e os mais encantadores dos desafios: ver a vida com os olhos lentos da criança que fui; caminhar pela vida a passos tranquilos, seguros e despreocupados da criança que quero ser; admirar a vida como se o tempo não houvesse e, acima de tudo, viver a vida com a mesma responsabilidade, mas com mais leveza, “ganhando tempo” brincando, rindo, desenhando, criando, construindo, escrevendo e, na minha horta, cultivando e colhendo alegria.” Renata.

“Traduzir a “lumaca”, sabendo que seu “padre” é uma pessoa conhecida, foi de grande excitação; é como se estivesse fazendo parte da criação, sendo a “mamma”, mimando e acariciando esse projeto/filho pronto.” Rosângela.

“Quando me propus a traduzir capítulos do livro de Gianfranco, minha preocupação inicial foi com o não domínio da língua italiana, mas aceitei o desafio por querer colaborar com a socialização de um material para a formação de professores. Durante as traduções, deparei-me com questões tão “humanas”, aparentemente muito simples, mas que provocam reflexões extremamente relevantes para quem pensa a educação. Na era da globalização, em que a tecnologia se supera a cada dia e que o cotidiano da maioria das pessoas é norteado pelo relógio, agendas lotadas e cumprimento de metas, pensar a respeito de um tempo lento é algo perturbador. Dar uma pausa nessa roda viva e repensar o ser humano nas suas múltiplas dimensões (cognitiva, psicológica, artística, afetiva, moral, ética...) é movimento obrigatório de quem trabalha com educação. Ter acesso a esse material foi importante para o meu trabalho com crianças pequenas, assim como para o trabalho na formação de professores. Conhecer Gianfranco foi um grande presente!” Fernanda.

“Foi com grande satisfação que aceitei fazer parte deste trabalho de tradução do livro “La pedagogia della lumaca”. Minha dupla satisfação se deve ao fato de ser professora e apaixonada pela língua italiana. Por ser professora me interessei muito pela ideia defendida pelo autor de que a vida é para ser contemplada, vivenciada, experienciada. O grande espetáculo da vida deve ser apreciado sem que a pressa e o tempo sufoque a alegria da descoberta. Por

amar a língua italiana, acredito que foi uma oportunidade especial de exercitar a leitura de um livro bem escrito. Ler e traduzir alguns capítulos deste livro se constituiu em um grande e prazeroso desafio. Agradeço a equipe de coordenação deste projeto pela oportunidade que tive. *Grazie mille.*” Lucinéia.

Essas vozes, de forma inequívoca, chamam nossa atenção para a necessidade de um “lumacamento exercitado no cotidiano”, alertam que, muitas vezes, menos significa mais! Que os olhos, para maravilharem-se diante da natureza, da vida pulsante, precisam de tempo para se deitar sobre as coisas e assim apreendê-las. A educação dos sentidos passa por questões relativas a um tempo que podemos chamar de “ocioso”, um tempo que se contrapõe, normalmente, ao do corre-corre da escola. Passa também pela quebra de uma imagem de “indivíduo partido”, chamado, a todo instante, para algo que o joga em outro lugar que não o presente. Desafios grandes diante do modelo de cidadão-profissional alardeado nas mídias - aquele cujas demandas chamam a todo instante. Um sujeito que se julga importante por isso!

A riqueza contida na simplicidade de “La pedagogia della lumaca”, escrita por Gianfranco Zavalloni, possibilita muitas reflexões sobre o cotidiano escolar. As estratégias didáticas gerais propostas pelo autor são: “perder tempo” para conversar com os alunos; usar novamente a caneta e a caneta tinteiro, com o propósito, dentre outros, de belas escritas; andar a pé pela cidade; trocar fotocópias e folhas mimeografadas por desenhos das crianças; observar as nuvens no céu; escrever e desenhar cartas e cartões; assoviar e fazer hortas na escola...

Destacaremos alguns capítulos que desenvolvem conceitos muito afinados com nossa prática de formação centrada nos estudos da Memória, do Cotidiano e do envolvimento com as comunidades e seu entorno.

O capítulo 27, “Horta didática para tornarmo-nos ‘lentos’ como a natureza” trata do aprendizado, possível e desejável, com os ciclos por meio da natureza através da horta na escola. A proposta é bem mais ampla que a de degustar o que plantamos para a merenda, embora isso faça parte! Quando organizamos o livro “Formação de educadores - memória, patrimônio e meio ambiente”, publicado em 2003, defendemos a necessidade de transgredir os espaços-tempos escolares para vivenciarmos experiências ambientais significativas, colocamos que o tempo escolar obedece a outro ritmo, o do ano escolar e, usualmente, tudo que plantamos durante o período letivo morre nas férias, pois ninguém cuida e, no reinício do novo ano, planta-se tudo novamente... No ritmo de Sísifo insano!

Outro aspecto bastante interessante dessa pedagogia no capítulo em questão é o conceito de uma “campesania”, ou seja, uma cidadania campesina, o termo cidadania teria um equivalente ao habitante do meio rural, um termo que ofereceria justos valores aos saberes camponeses relacionados ao trato com a terra.

Como em nosso país o termo camponês não é utilizado, teríamos que trocá-lo por outro, preservando, assim, a ideia original da pedagogia “della lumaca”. Por nos situarmos em um município rural (local em que o meio rural praticamente encontra-se junto do urbano), tal reflexão poderia ser muito positiva.

Essa discussão envolvendo o homem do campo brasileiro, o caboclo, me é muito cara, uma vez que minhas pesquisas nos almanaques de farmácia brasileiros passaram pela criação da figura do Jeca Tatu do grande escritor Monteiro Lobato. Apesar de o mesmo ter surgido pela raiva do escritor ao não dar conta da propriedade rural recebida de herança do avô, a criatura termina por servir como modelo do habitante rural brasileiro. O escritor tentou, posteriormente, mudar a imagem estigmatizante do caipira, porém em suas próprias palavras: era tarde demais! O Jeca passou a representar a imagem nacional do habitante do campo. Vários intelectuais propuseram outros tipos, tais como o Jeca Leão de Rocha Pombo, Mané Chique Chique de Ildfonso Albano e Juca Mulato de Menotti Del Picchia, caboclos com várias virtudes, mas as alianças do Jeca com as mídias esparramaram o modelo Brasil afora, permanecendo até a presente data no imaginário nacional como retrato da preguiça e ignorância do caipira.

Vivemos várias experiências pedagógicas que ilustram tais reflexões, como, por exemplo, no dia da árvore, desse ano (2010), dois pais, um agricultor e um jardineiro, participaram do plantio de árvores com as crianças na escola. Pedi que eles, enquanto plantavam, nos ensinassem como fazer. Fomos surpreendidos por explicações detalhadas, desde a cova, o nível (Alguém já havia ponderado que havia necessidade de respeitar o nível para colocação da muda na terra?), as formas de colocar adubo, da rega, do acompanhamento necessário. As crianças-filhas, orgulhosas dos pais sábios, exibiam os melhores sorrisos e as educadoras compreendiam os diversos saberes que circulam pela sociedade!

Portanto, recuperar e tratar de forma adequada os saberes dos profissionais ligados a terra pode ser uma tarefa mais que legítima não só para educadores e comunidades rurais, como para a sociedade como um todo.

O capítulo 28, com o título “O local na era global” tem imensa consonância com nosso eixo que prioriza a história local. Normalmente, quando assumimos que iremos trabalhar com a memória da cidade, temos que passar por um processo de esclarecimentos pautados na desmistificação dos pensamentos saudosistas. Temos que encarar tais expectativas esmiuçando-as para nos livrarmos dos memorialistas saudosos que sempre habitam as cidades e que estão de plantão para oferecer um discurso que ambiciona a volta às origens, como se outrora fosse somente bom... Esse, realmente, é o primeiro passo para impulsionar as relativizações com relação às experiências com o passado.

O clima criado com o enfoque do passado/presente tem se mostrado, em muitos projetos, extremamente instigador. As pessoas se envolvem partindo

de suas histórias, de suas experiências, sempre portando grande dose emotiva. Pensando no mito grego, Mnemosyne não se intimida e enfrenta, bravamente, Chronos. Representante da memória personificada, filha do Céu com a Terra, se une a Zeus e gera as nove musas. Será, pois a memória que poderá possibilitar o enfrentamento com o Tempo (Chronos) que devora seus filhos, gerando marcas, deixando pegadas- formas de existir que resistem ao apagamento. Buscamos-nos para não nos perdermos. O grupo de educadores se aproxima e o que é uma grande força aglutinadora também é um fator de desestabilização. Explicando melhor: pela grande alternância de profissionais nas redes públicas, os recém-chegados sentem-se excluídos do grupo mais antigo que, normalmente, mostra-se muito coeso. O desafio é que os eternos retornos para incluí-los precisam ocorrer com rapidez e precisão, o que nem sempre é possível no cotidiano escolar.

Somos de determinada forma, comportamo-nos, valorizamos ou desprezamos de acordo com nossas vivências nos locais onde habitamos. A valorização desse cotidiano termina por subverter as vozes no interior da escola. As crianças/adolescentes/pais da comunidade conhecem e falam de coisas, lugares e hábitos locais e aquele que, normalmente, detém a fala nesse espaço, o educador, passa a ser um parceiro, um ouvinte. A construção do conhecimento apresenta dinamismo, prazer e desafios. Não desconhecemos as críticas existentes em relação aos currículos regionalizados; gostaríamos de frisar que o ponto de partida calcado no trabalho com o cotidiano local pode proporcionar bases sólidas para a posterior ampliação de repertório. O local é ponto de partida (de permanência), mas não se constitui em ponto de chegada.

O ciclo da vida traz também uma discussão desafiadora, presente no capítulo 35, “A criança, o cemitério e o bosque santo”. Tudo o que nasce tem seu apogeu, lança suas sementes e morre. Tratar da morte no espaço escolar é extremamente desafiador, ainda mais vindo com exemplos do grande artista-ambientalista Hundertwasser, um transgressor de primeira linha, que defende concepções absolutamente revolucionárias. Para tornar tudo mais complexo, temos, aqui presentes, as várias visões que acompanham os credos religiosos e a escola, como bem sabemos, só é laica no texto da lei.

A morte, na escola, é vista como tabu; o cemitério, normalmente, é visto e ensinado como lugar sombrio, aterrorizante. Pensemos que são os adultos que os colocam assim para as crianças, pois elas mesmas tratam do assunto com outra visão.

Dos ensinamentos dessa pedagogia cremos ser um dos pontos mais desafiadores para mudar pensamentos e práticas preconceituosas arraigadas no cotidiano escolar. Muito esforço pedagógico e vontade política são necessários para sua implementação!

O livro “Amabile e Tranquila, minhas duas nonas” foi utilizado com os

alunos para tratar da morte aliada à vida, às raízes das famílias que se entrelaçam com as dos vegetais, ensinando a finitude e a importância das relações intergeracionais. Tal trabalho apresenta grande consonância com os princípios focalizados pela pedagogia aqui analisada.

Por tratarmos de um sistema educacional diferente do nosso em suas categorias, vale ressaltar, aqui, que, quando aparecem nos textos os termos abaixo, eles significam:

Idade	<i>Escola Italiana</i>		<i>Escola Brasileira</i>
0 - 3	Berçário - Jardim de Infância		Educação Infantil (Creche)
	até 2003	depois de 2003	
3 - 6	Escola Materna	Escola de Infância	Educação Infantil Pré-escola (4 - 5)
6 - 11	Escola Elementar	Escola Primária	Ensino Fundamental Anos iniciais do 1º ao 5º ano (6 - 10)
11 - 14	Escola Média	Escola Secundária de 1º grau	Ensino Fundamental Anos finais do 6º ao 9º ano (11 - 14)
14 - 18	Escola Superior	Escola Secundária de 2º grau	Ensino Médio (14 - 17)
depois dos 18	Universidade	Universidade	Ensino Superior (a partir de 17)

O caracol, sem pressa, carrega sua casa nas costas. Poderíamos intuir que as crianças e os educadores, deixando de se apressar tanto, poderiam levar suas identidades e seus valores “costurados neles” e, desse modo, questionar a concepção de que o progresso está ligado à pressa e a lentidão e a calma estão ligadas ao atraso. Em muitos momentos históricos, coube à educação desmistificar crenças e posturas. Um caracol, com sua pedagogia, pode ser um belo ponto de partida!

Convidamos à leitura de um material que, certamente, irá desafiá-los, não antes sem agradecer, especialmente, a:

Gianfranco Zavalloni, por assumir a construção do conhecimento como um ato anárquico, no mais belo de seus sentidos;

Renata Holmuth Motta, por acreditar, costurar o grupo em torno das ideias e trabalhar duro para garantir a qualidade do processo;

Maria Teresa de Godoi Silva Sevillano que, ao lado de Renata Holmuth Motta somou esforços e manifestou grande dedicação à proposta;

Renata Sieiro Fernandes, por bancar as transgressões sempre e fazer delas motivo de muitas realizações nossas.

À Editora Adonis, por acreditar que os livros podem carregar transgressões educativas de grande potência.



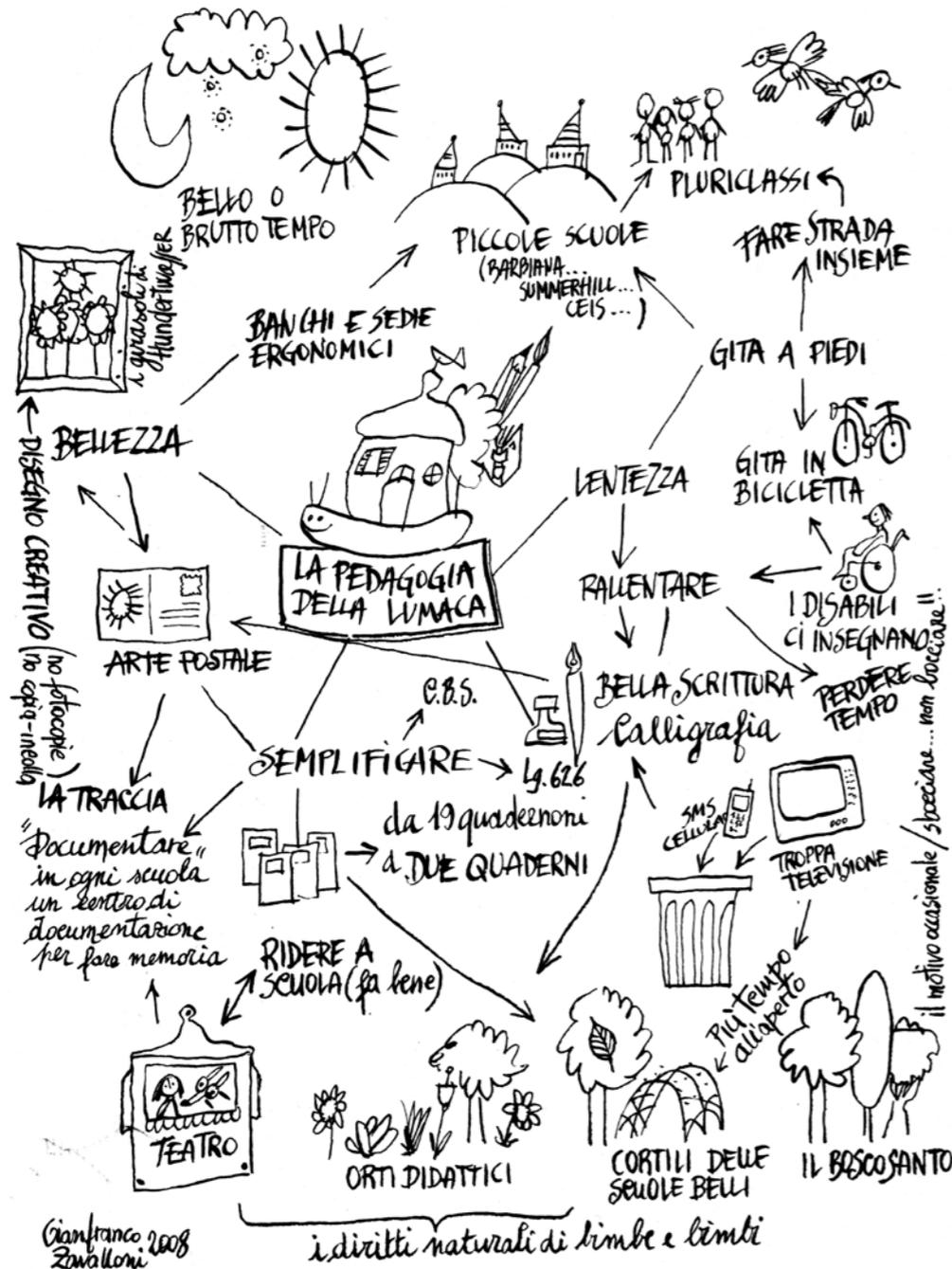
INTRODUÇÃO

Gianfranco Zavalloni

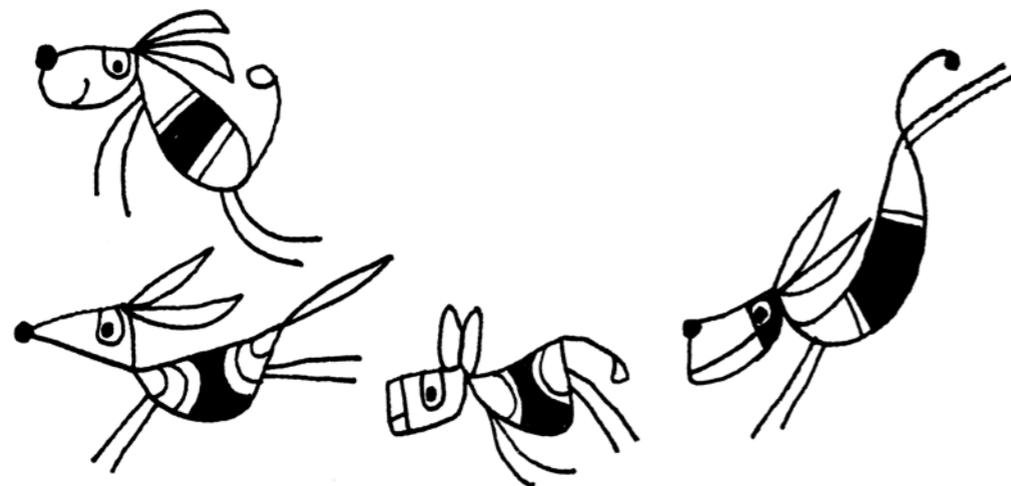
Na escola da vagareza

Está muito na moda ter uma oliveira secular no jardim das casas de campo reabitadas nesses últimos tempos por cidadãos. Pena que onde se constroem mansões, hoje, não houvesse oliveiras em outros tempos. Se plantassem pequenas mudas de oliveira seriam necessários anos para ter uma árvore grande. Surgiram, por isso, empresas especializadas que extraem oliveiras seculares dos seus lugares de origem e as plantam a alguns metros da porta de casa. Ninguém tem mais tempo para esperar? Hoje, se quer ter tudo rapidamente. Primeiro graças à televisão e agora graças às redes telemáticas, está muito em voga o fornecimento de notícias “em tempo real”, “em transmissão simultânea”. Há a convicção de poder ler mais se estiver ligado “em rede” com o mundo todo através de um computador, de um telefone ou de um monitor. Para que tudo isso? Muitas vezes ninguém sabe. Sabe-se só que estamos ligados ao mundo inteiro. Talvez se crie uma sensação forte de segurança, de proteção, em relação ao “se sentir sozinho”. Vive-se com o mito premente do tempo real e se perde a capacidade de saber esperar. Quem ainda tem tempo para esperar a chegada de uma carta? Hoje, é possível pegar um telefone e falar com quem quiser em poucos segundos. Que vantagem há em escrever cartas se é preciso esperar uma semana, se tudo correr bem? Muito melhor o telefone, o correio eletrônico, a chat. Há alguns anos, quando ainda não existia Internet, Jeremy Rifkin nos lembrava de que “... a raça humana baseou-se, ao longo da história, em quatro dispositivos fundamentais de marcação do tempo: os rituais vitais, os calendários astronômicos, os sinos e os horários. E, agora, há os programas de computador. Para cada novo dispositivo inserido no cotidiano, maior o distanciamento da raça humana dos ritmos biológicos e físicos do planeta. Passamos de uma participação forte nos ritmos da natureza ao isolamento quase total dos ritmos da terra...”.

Estamos na época do tempo sem espera. Isso tem repercussões incríveis no nosso modo de viver. Não temos mais tempo para esperar, não sabemos participar de um encontro sem sermos perturbados pelo celular, “queremos tudo e queremos já”, em tempo real. As teorias psicológicas concordam em pensar que uma das diferenças entre as crianças e os adultos seja que as crianças vivem segundo o princípio do prazer (“tudo e já”), enquanto os adultos vivem segundo o princípio da realidade (saber fazer sacrifícios, hoje, para usufruir amanhã). Parece-me que, hoje, os adultos, também graças à sociedade do consumismo



exasperado, vivem, exatamente, como as crianças, segundo as modalidades do “quero tudo e quero já”. Saberemos reencontrar tempos naturais? Saberemos aguardar uma carta? Saberemos plantar um bulbo ou uma castanheira sabendo que serão os nossos bisnetos a ver a sua majestade secular? Saberemos esperar? Trata-se de empreender um novo itinerário educativo. Pais, professores e todos aqueles que giram em torno do mundo da escola são estimulados a dar sugestões oferecidas pela pedagogia do caracol e podem recomeçar a refletir sobre o sentido do tempo educativo e sobre a necessidade de adotar estratégias didáticas de desaceleração, por uma escola lenta e não violenta.



1. APRENDER COM AS EXPERIÊNCIAS E GUARDÁ-LAS COMO UM TESOURO

Tradução: Dalva Nascimento Aguiar

Vitruvio, famoso arquiteto da antiga Roma, dividiu os arquitetos em três categorias: os que sabem construir bem, mas não sabem escrever, desses ficarão as obras, não os nomes; os que escrevem, mas não constroem, desses não ficará nada; e enfim os poucos que unem os dois dons.

Aos trinta e cinco anos, Leonardo da Vinci, vendo que a dignidade da pintura não era plenamente reconhecida – os pintores não tinham serventia – decidiu escrever para demonstrar que a arte da pintura, tendo uma base teórica, era ciência.

Poderíamos dizer o mesmo da escola e da educação em geral. Na escola, há os bons professores. Esses deixam traços na vida de pessoas a quem durante a infância comunicaram o prazer de estudar, o gosto de aprender, o método de aprender a aprender. Há os que escrevem sem nunca terem tido uma experiência direta com crianças. São aqueles que por terem obtido um diploma se autodefinem *pedagogos*, encontram-se frequentemente nas universidades. Deles e das suas teorias pedagógicas, por um breve período, há menções em textos universitários e nos livros aconselhados para a preparação de concursos. As editoras que publicam esses textos ficam extremamente agradecidas a tais autores, sobretudo àqueles periódicos que antecedem os concursos, quando dezenas de milhares de aspirantes à carreira de professor são obrigados a beber nas fontes do *saber pedagógico*. Deles talvez reste uma vaga recordação.

Enfim há os *verdadeiros professores*, os que sabem ensinar, que sabem ajudar a fazer florescer as inteligências e as personalidades dos alunos com os quais trabalham e sabem também refletir sobre o próprio trabalho educativo, escrevendo e documentando. Cada experiência didática é sempre única. Cada um de nós tem recordações, experiências e momentos de vida escolar a serem narrados. Os professores deveriam criar o hábito de fazer anotações sobre o trabalho feito num caderno ou num diário, trazendo ganhos, assim, a partir da experiência vivida, tanto para si mesmos quanto para os outros. Esse “criar memória da experiência didática” é um aspecto importante do ensinar. Na Itália, temos pouquíssimos exemplos de didática narrada e documentada. O mais clamoroso foi o do professor Marcelo D’Orta, com o seu *Io speriamo che me la cavo* (Mondadori, Milão 1990)¹

1. Nota do tradutor: “Io speriamo che me la cavo” poderia ser “Eu, esperamos que me dê bem” usando uma tradução inventiva a fim de transmitir a ideia de linguagem coloquial, sem rigor gramatical, contida na expressão em italiano.

de onde, junto com a espontaneidade poética da fala infantil, desgramaticada, também emergiu, para a opinião pública, uma ridicularização da escola. Ainda bem que, antes dos alunos de Arzano, tivemos os alunos de Barbiana. De fato é com don Milani que podemos contar com um exemplo histórico de didática vivida e divulgada. O segundo exemplo histórico de pedagogia vivida e narrada é a experiência de Mario Lodi. Nos seus livros, está a vivência de um professor que escolheu “criar raízes” em um lugar e ali trabalhar por uma educação em sentido global, com uma metodologia ativa, vivida e experimentada no cotidiano. Um terceiro exemplo histórico é o de Alberto Manzi, mítico mestre da transmissão televisiva *Non è mai troppo tardi*². Há também Maria Maltoni com os *Quaderni di San Gersolé*³, sem esquecer as grandes experiências de Maria Montessori e Rudolf Steiner e as escolas que deles receberam o nome: as escolas montessorianas e steinerianas. Nos últimos anos, um diretor de escola em Treviso, Francesco Codello, deu uma contribuição importante para o conhecimento das experiências de “escolas democráticas”. Encontramos a grande paixão educativa sintetizada no seu livro *Vaso, creta o fiore? Né riempire, né plasmare ma educare*⁴ (La Baronata, Lugano 2005): um exemplo de pedagogia e de educação libertária, experimentada cotidianamente nas escolas. Para completar o rol, recordamos *Arte per nulla*⁵, de Federico Moroni, professor da escola de Bornaccino (Santarcangelo di Romagna). Felizmente, hoje, estão surgindo novas figuras de professores que conseguem não só “fazer escola”, mas também “fazer pedagogia” a partir da própria experiência concreta. O Instituto Estatal de *Sogliano al Rubicone* (www.scuolesogliano.it) trabalha há anos com documentação, mediante um verdadeiro e concreto Centro de Documentação: *La Traccia*⁶, onde é possível consultar, entre os vários livros, materiais e apostilas didáticas, uma coletânea interessante de “material vivo”, fruto das experiências diretas dos colegas docentes. Encontram-se também diversos livros produzidos durante a realização dos Projetos 0-6 anos da Região Emilia Romagna, como por exemplo, o *Dizionario di Merlino*⁷, um texto que conta a experiência das colegas Maddalena Zanfanti e Fiorela Toni, da Escola da Infância da fração de Ponte Uso.

Entendemos bem que essa reflexão definida como *Pedagogia do caracol*:

2. Nunca é tarde demais.

3. Cadernos de São Gersolé.

4. Vaso, barro ou flor? Nem encher, nem plasmar, mas educar.

5. Arte por nada.

6. Nota do tradutor: a palavra “traccia” pode significar traço, marca, vestígio, pista, pegada, mas também esboço, traçado. Refere-se, portanto, ao mapa para a busca de algo mediante indícios, pistas, documentos que levam a descobertas.

7. Dicionário de Merlim.

por uma escola lenta e não violenta não nasceu nas salas dos filósofos ou de estudos universitários de professores de pedagogia. Não nasceu nem mesmo de uma experimentação. Surgiu, simplesmente, do encontro cotidiano e do caminho compartilhado durante anos com crianças, adolescentes, professores, pais, disciplinadores, pessoal das secretarias e colegas diretores.

O prazer da vagareza

Por que desapareceu o prazer da lentidão? Onde foram parar os vagabundos de antigamente? Por onde andam aqueles heróis das canções populares que passam o tempo sem fazer nada? Onde estão aqueles vagabundos que perambulam de um moinho a outro moinho e que dormem sob as estrelas? Desapareceram junto com as trilhas nos campos, com as pradarias e as clareiras nos bosques? Desapareceram junto com a natureza? Um provérbio tcheco define o seu plácido ócio com uma metáfora: eles contemplam as janelas do bom Deus. Quem contempla as janelas do bom Deus não se entedia; é feliz.

(Milan Kundera, *La lentezza*⁸, Adelphi, Milão 1995).

8. A lentidão.